

As viagens de Padre Lebrete e Frei Benevenuto em 1952: o movimento Economia e Humanismo no Nordeste brasileiro e na África Ocidental¹

Hugo Quinta ²

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v15i45.65279>

Resumo: Padre Lebrete aportou pela primeira vez no Brasil em 1947, ano em que conheceu Frei Benevenuto, lecionou um curso sobre o movimento Economia e Humanismo na capital paulista e proferiu uma conferência no Rio de Janeiro. Esta viagem aproximou Lebrete e Benevenuto, e a parceria entre eles culminou na realização de diversos trabalhos na década de 1950, os quais resultaram na difusão do movimento no país. Levando em conta esse contexto, o artigo aborda alguns traços do catolicismo e da Ordem Dominicana brasileira, depois descreve as trajetórias dos dois religiosos e analisa os princípios de Economia e Humanismo. Após esses antecedentes é possível avaliar as viagens que eles fizeram para o Nordeste brasileiro e para países da África Ocidental em 1952, quando divulgaram o movimento nessas regiões.

Palavras-Chaves: Padre Lebrete; Frei Benevenuto; Economia e Humanismo; catolicismo progressista

¹ Este artigo decorre da pesquisa de doutorado do autor, financiada (processo 2017/14191-3) pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

² Pós-doutorando na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP) e Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail: hugo.quinta@unesp.br.

The travels of Father Lebrete and Friar Benevenuto in 1952: the Economy and Humanism movement in Brazilian northeastern and West Africa

Abstract: Father Lebrete first landed in Brazil in 1947, the year he met Frei Benevenuto, taught a course about Economy and Humanism movement in São Paulo and delivered a conference in Rio de Janeiro. This trip brought Lebrete and Benevenuto closer, and the partnership between them culminated in the realization of several works in the 1950s, as a result from the spread of the Economy and Humanism movement in the country. Considering that, this article discusses some traces of Catholicism and the Brazilian Dominican Order, the two religious trajectories and analyzes the principles of Economy and Humanism. After these antecedents it is possible to evaluate the trips made by them to Brazilian northeastern and west African countries in 1952, when the movement was disclosed in these regions.

Key Words: Father Lebrete, Friar Benevenuto, Economy and Humanism, progressive Catholicism

Los viajes de Padre Lebrete y Fray Benevenuto en 1952: el movimiento Economía y Humanismo en el noreste de Brasil y África Occidental

Resumen: Padre Lebrete aterrizó por primera vez en Brasil en 1947, el año en que conoció Fray Benevenuto, enseñó un curso sobre el movimiento de Economía y Humanismo en la capital de São Paulo y dictó una conferencia en Río de Janeiro. Este viaje acercó Lebrete y Benevenuto, y la asociación entre ellos culminó en múltiples trabajos en la década de 1950, los cuales resultaron en la propagación del movimiento en Brasil. Teniendo en cuenta este contexto, el artículo discute algunas características del catolicismo y de la Orden Dominicana Brasileña, luego describe las trayectorias de los dos religiosos y analiza los principios de Economía y Humanismo. Después de estos antecedentes es posible evaluar los viajes que ellos realizaron al noreste de Brasil y a los países de África occidental en 1952, cuando dieron a conocer el movimiento en estas regiones.

Palabras clave: Padre Lebrete; Fray Benevenuto; Economía y Humanismo; catolicismo progresista

Recebido em 03/10/2022 - Aprovado em 13/03/2023

Introdução

A trama a envolver Padre Lebrete, Frei Benevenuto e o movimento Economia e Humanismo no Brasil transcorreu durante dezenove anos. Eles se conheceram em 1947, quando Lebrete viajou ao Brasil pela primeira vez para lecionar um curso na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo e proferir uma palestra no Rio de Janeiro. Esse foi o início de um relacionamento profissional e amistoso que durou até 1966, ano de falecimento do religioso francês. E a parceria entre eles resultou na elaboração de projetos socio-urbanísticos para dezenas de cidades e estados brasileiros, os quais espalharam as ações humanistas do referido movimento pelo território nacional.

Partindo desse panorama, o problema central abordado neste artigo é avaliar em que medida os trabalhos liderados por Padre Lebrete e Frei Benevenuto difundiram Economia e Humanismo (doravante EH) no Brasil, entre 1947 e 1952. Foram as iniciativas realizadas nesse período que provocaram as viagens dos religiosos para estados do Nordeste brasileiro e países da África Ocidental.

Dois enfoques são desenvolvidos neste artigo com o propósito de explorar e compreender os resultados do périplo de Lebrete e Benevenuto, em 1952. O primeiro deles investiga a relação entre o catolicismo brasileiro e a Ordem Dominicana dos anos 1950, e o segundo traça um relato biográfico dos dois personagens, as bases da fundação do movimento na França e sua projeção no exterior. Essas perspectivas dialogam com outros trabalhos das ciências humanas e com as fontes documentais e fotográficas provenientes do arquivo pessoal de José Petronilo de Santa Cruz (nome civil de Frei Benevenuto), localizado em São Paulo, e do Fundo Lebrete, abrigado no *Archives Nationales* de Pierrefitte-sur-Seine, França. O exame dessas fontes enriquece o entendimento sobre o catolicismo brasileiro e as ações de Frei Benevenuto e Padre Lebrete no meio do século XX, quando conheceram políticos, sacerdotes, empresários, universitários, operários e regiões onde pretendiam forjar uma sociedade justa e solidária ao colocarem em prática os projetos baseados na Economia Humana.

Catolicismo e Ordem Dominicana brasileira nos anos 1950

Entre as décadas de 1920 e 1950, a Igreja Católica fortaleceu sua influência nas grandes e médias cidades brasileiras. O ponto de partida para a projeção católica nos meios urbanos ocorreu em 1922, ano em que o arcebispo Dom Sebastião Leme (1882-1942) concebeu um plano conservador para a sacralização e restauração católica da sociedade

brasileira. O programa de Dom Leme previa uma ação pastoral para todo o país e foi uma referência para as atividades das congregações religiosas católicas até os anos 1940. Se é verdade que o plano do arcebispo não atingiu o objetivo almejado, também é verdade que os desdobramentos de sua atuação forjaram um potente catolicismo militante (SILVA, 2008) liderado pela Ação Católica e por intelectuais católicos que edificaram instituições difusoras do catolicismo. Fundada, em 1935, por iniciativa de Dom Leme, a Ação Católica foi uma organização que revitalizou o programa social da Igreja.

Mesmo com traços conservadores até finais dos anos 1940, a entidade foi capaz de estimular a participação dos jovens leigos nos rituais litúrgicos e em ações sociais (AZZI; GRIJP 2008, p. 510-512). As juventudes católicas formadas nos anos 1950 surgiram graças ao fortalecimento da Ação Católica no laicato nacional. E foi a partir dela que outras instituições cristãs – como o Centro Dom Vital, Instituto Católico de Estudos Superiores, Associação Universitária Católica (AUC) – vieram à tona e divulgaram o catolicismo no tecido social.

Nos dez primeiros anos de existência, a Ação Católica era um movimento defensor dos valores de uma sociedade tradicional e hierarquizada. Aos poucos crescia a fileira de moças e moços que reformavam seus princípios e formas de atuação. A juventude católica progressista tomava conhecimento das obras de Jacques Maritain (AZZI; GRIJP 2008, p. 517-518) e endossavam seu posicionamento contrário à guerra civil espanhola e a qualquer modalidade de regime autoritário. O pensamento do filósofo francês alimentou corações e mentes dos jovens leigos e de Alceu Amoroso Lima (1893-1983)³, que passou a criticar o

³ Filho de pais ateus, formou-se bacharel em Direito e dirigia os negócios familiares quando iniciou a carreira como crítico literário, em 1919, adotando o pseudônimo de Tristão de Athayde. Por influência de Jackson de Figueiredo, que era seu amigo e confidente em temas filosóficos, políticos e religiosos (SILVA, 2008), Alceu assumiu a fé católica. Sob a influência do amigo e de Dom Leme, ele iniciou seu trabalho como representante secular da Igreja Católica e exímio divulgador do pensamento conversador do catolicismo. Sua atuação como liderança intelectual cristã envolveu a revista *A Ordem*, o Centro Dom Vital e a Associação Universitária Católica, instituição criada, em 1929, para fomentar a doutrina católica nas universidades. Mas Alceu vivenciou um ponto inflexão em finais dos anos 1930. O regime ditatorial (1937-1945) de Vargas, a Segunda Guerra Mundial e a leitura de autores católicos progressistas calaram fundo em sua alma. Foi nesse contexto que ele se tornou defensor enfático da democracia e disseminador de uma teologia social e humanista. Ele estabeleceu estreitas relações com os padres dominicanos progressistas da França e do Brasil,

regime franquista, a defender o fim da ditadura varguista, e a lutar pela abertura democrática em 1945. De um lado, o pensamento de Maritain questionava a estrutura romanizada que o Vaticano formulou para a Ação Católica, e, de outro lado, a sua obra foi capaz de medrar novas lideranças para o Centro Dom Vital e para a Ação Católica.

A aura progressista ganhou força no catolicismo a partir de 1950⁴. Em julho deste ano ocorreu a IV Semana Nacional da Ação Católica, evento que culminou na elaboração de novos estatutos da entidade e na reorientação do movimento em direção à sociedade civil organizada e democrática. Por intermédio da pressão conduzida pelos prelados, a comissão episcopal fundou cinco movimentos especializados da juventude (AZZI; GRIJP 2008, p. 622-623): Juventude Independente Católica (JIC), Juventude Operária Católica (JOC), Juventude Agrária Católica (JAC), Juventude Estudantil Católica (JEC) e Juventude Universitária Católica (JUC), todas apoiadoras do apostolado social nesses setores da sociedade, do campo à universidade.

A década de 1950 abriu um novo horizonte para a atuação do clero no Brasil. Dom José Delgado, Dom Eugênio Sales e Dom Helder Câmara⁵ foram bispos do Nordeste que atuaram em prol de práticas pastorais inovadoras e condizentes com os infortúnios sociais

conheceu Frei Benevenuto em 1945 e Padre Lebrete em 1947, e a partir de então conviveu com essas personagens durante os anos 1950 e 1960.

⁴ Ainda que um dos objetivos deste artigo seja demonstrar de que maneira o pensamento progressista ganhou tração na Igreja Católica (e sobretudo na Ordem Dominicana), é digno de nota salientar que numerosos cristãos protestantes do país também forjaram instituições, orientações e ações progressistas nos anos 1950. Raimundo C. Barreto Jr (2010, p. 289-293) ensina que um grupo ecumênico do protestantismo brasileiro se rebelou contra as injustiças sociais. Foi nessa década que jovens protestantes passaram a militar em movimentos políticos e sociais de esquerda e que as outras alas do protestantismo fundaram organizações de responsabilidade social. Segundo o autor, era a primeira vez que esses setores buscavam compreender e enfrentar as mazelas sociais do país ao implementarem trabalhos que aproximavam a Igreja Protestante da sociedade brasileira. As ações levadas a cabo pela Confederação Evangélica do Brasil (CEB) nesse período evidenciam o crescimento do movimento progressista. Fundada em 1934, a CEB elaborou, durante os anos 1950, desde campanhas filantrópicas até documentos e projetos relacionados às questões sociais, educacionais e à reforma agrária.

⁵ Nascido na capital cearense, Helder Câmara (1909-1999) teve contato com a ventura nordestina desde menino, o que o levou a escolher a vida religiosa. Ordenou-se sacerdote aos 22 anos de idade e foi nomeado arcebispo de Recife em 1964. Dom Helder foi o bispo responsável por conduzir a CNBB entre 1952 e 1964, quando dirigiu a instituição mediando as diferenças na hierarquia eclesiástica e enfrentando os desafios sociais que estavam colocados nessa quadra histórica.

dessa região. O último (AZZI; GRIJP 2008, p. 592-595) foi responsável por articular a criação da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), instituição fundada em 1952 e responsável por reforçar as atividades sociais da Igreja no país. Em que pese a atuação dos bispos do Nordeste para amainar as desigualdades, a corrente conservadora do catolicismo europeu ainda defendia a prática pastoral e romanizada, cuja força política e simbólica influenciava as atitudes do episcopado brasileiro.

Mas a renovação pastoral iniciada pelos bispos do Nordeste somente foi possível porque os sacerdotes e bispos europeus tiveram pouca influência nessa localidade, o que possibilitou as realizações da pastoral social em diversos estados nordestinos. Foi por influência dos bispos dessa região que o clero se deu conta da necessidade de estudar, conviver e debelar a profunda iniquidade social do país, adotando medidas que pudessem contribuir para a reversão do quadro socioeconômico de miséria, pobreza e fome.

A CNBB representou um ponto de viragem na história do catolicismo. Respalçado pelos leigos da Ação Católica, Dom Helder Câmara enfrentou o clero e liderou o processo de conscientização social que pouco a pouco se assenhoreou dos bispos. As orientações do episcopado aos prelados perderam tónus com a criação da CNBB, instituição estratégica para a participação e organização dos chefes das dioceses na formulação de diretrizes que eram dirigidas à população. O êxito da CNBB deveu-se não apenas à liderança de Dom Helder, mas também ao consistente apoio da Ação Católica nas atividades da confederação, em especial no apoio dos leigos aos bispos, provocando-os a mitigar as desigualdades sociais e a valorizar os pressupostos progressistas e democráticos.

A congregação dominicana não estava alheia às mudanças que ocorriam no clero nacional. Embora a Ordem Dominicana brasileira pertencesse à conservadora Província de Toulouse, os anos 1930 e 1940 desabrocharam a renovação do catolicismo social francês. Dominicanos como Yves Congar (1904-1995), Marie-Dominique Chenu (1895-1990) e Louis-Joseph Lebre expressam essa nova fase. Ainda que os jovens frades dominicanos brasileiros estudassem na conservadora província francesa, eles eram fortemente influenciados pelo ideário do catolicismo social representado pela Província de Paris. Após concluírem a formação religiosa, os jovens frades retornavam ao Brasil e manifestavam as ideias progressistas lidas nas obras de filósofos e teólogos que expressavam a linha renovadora do catolicismo, o que provocava atrito com os padres conservadores brasileiros. As novas atitudes dos jovens frades dominicanos que voltavam à terra natal deflagaram o seguinte paradoxo relacionado à atuação dos dominicanos brasileiros e

franceses: enquanto a Província de Toulouse era a mais conservadora das províncias pregadoras da França, a missão dominicana do Brasil era avaliada como a mais progressista das congregações religiosas que atuavam no país. (PIC, 2014, p. 285)

O relacionamento entre dominicanos brasileiros e franceses ultrapassava a profissão religiosa. Havia um trânsito das ideias (PIC, 2014, p. 276) formuladas por pensadores cristãos franceses, as quais eram posteriormente assimiladas por frades e leigos católicos brasileiros que estavam ávidos por uma perspectiva progressista da filosofia e teologia cristã. Se as missões localizadas no Brasil profundo não permitiam esse intercâmbio, a presença dominicana nas grandes cidades galvanizou um apostolado intelectual que projetou os frades pregadores nos círculos católicos, aproximando-os da hierarquia eclesiástica e dos leigos católicos. Por esses motivos é possível afirmar que o desempenho dos dominicanos brasileiros contribuiu para o posicionamento da Igreja nas cidades, inserindo-as na dinâmica de um país que flertava com a democracia liberal após 1945.

Ao se estabelecerem nos grandes meios urbanos, frades franceses e brasileiros promoveram a circulação transnacional das ideias católicas progressistas. Esse movimento é determinante para a promoção das ideias reformadoras do catolicismo entre leigos e dominicanos brasileiros em 1952. Foi neste ano que a Ordem do país saiu da Província de Toulouse e fundou a Província de São Tomás de Aquino após setenta e um anos de envolvimento estreito com os dominicanos franceses. Estes religiosos foram determinantes para o desenvolvimento da Ordem no Brasil ao garantirem que os noviços brasileiros estudassem Filosofia e Teologia nos conventos da França. A circulação de frades brasileiros e franceses e a fundação do movimento Economia e Humanismo estabeleceram o contato entre Padre Lebrete e Frei Benevenuto, uma amizade que promoveu uma série de ações sociais e culturais em diversas regiões brasileiras.

Padre Lebrete, Frei Benevenuto e o movimento Economia e Humanismo no Brasil

Nascido em Le Minihic-sur-Rance, França, Louis-Joseph Lebrete (1897-1966) era filho de uma família marinheira, campesina e católica. Assim que concluiu os estudos na escola naval de Saint Briec, ele foi piloto, tenente e oficial da Marinha Nacional Francesa durante a Primeira Guerra Mundial. Esse período lhe proporcionou habilidade nos cálculos matemáticos e coragem para enfrentar as intempéries do mar e as injustiças sociais (BOSI, 2012, p. 250-251). Suas convicções religiosas falaram mais alto, e por isso ele ingressou na Ordem Dominicana em 1923 e ordenou-se padre em 1928. Foi nesse contexto que Padre

Lebret fez sua primeira pesquisa, cuja meta era investigar os prejuízos sofridos pela atividade pesqueira na região litorânea francesa em razão da mecanização do trabalho e da crise de 1929. Esta pesquisa (ANGELO, 2013, p. 310) inaugurou outros estudos do padre sobre o mercado litorâneo francês.

Pouco a pouco, os trabalhos do religioso foram consolidando seus referenciais teóricos em diversas áreas do conhecimento (GODOY, 2020, p. 7-9). Sua fundamentação envolvia desde o pensamento neotomista de reforma católica do padre Antonin-Gilbert Sertillange, passava pela filosofia personalista de Emmanuel Mounier, pela sociologia de Émile Durkheim, Henri Desroches, Paul-Henry Rhomart e Frédéric Le Play, assim como incluía a filosofia e sociologia religiosa de Abbé Henri de Tourville e Jacques Maritain. Lebret também aprofundou suas leituras na área da ciência exata ao explorar as ideias dos engenheiros Paul Verney, Jean Queneau e Thomas Suavet. E foi capaz de estudar as teorias do economista François Perroux, a concepção comunitária do sociólogo Ferdinand Tönnies e do libertário Kropotkin, ao mesmo tempo que leu os livros do filósofo Henri Bergson, do urbanista Gaston Bardet e do geógrafo Pierre George.

Como se ainda fosse pouco, ele embrenhou-se na teoria marxista, sobretudo em sua abordagem sobre a exploração do trabalho vigente no capitalismo liberal. Esse arcabouço teórico e metodológico indica dois traços fundamentais do movimento Economia e Humanismo concebido por Lebret. Um deles é a base religiosa progressista e o outro é a interdisciplinaridade manifesta nas pesquisas que seu grupo realizava. Com a centralidade da temática social nas ações e discussões religiosas dos anos 1950, Padre Lebret foi um dos padres com grande influência nos meios católicos progressistas dessa época (ANGELO, 2013, p. 71). Para ele, compreender e debelar as desigualdades sociais envolvia a elaboração de pesquisas desenvolvidas para aprimorar as condições de vida da sociedade.

Após anos de estudos e investigações, Padre Lebret fundou, em 1941, o movimento Economia e Humanismo em Marseille, cidade portuária localizada no sul da França. No ano seguinte ele e seu grupo publicou a revista *Économie et Humanisme* e o manifesto do movimento. Em conjunto com o sociólogo Henri Desroches, Lebret fundou, em 1943, uma equipe em Lyon, para, em 1945, criar a *Société d'Application Généralisée des Méthodes d'Analyse* (SAGMA), entidade que abarcou especialistas de diversas áreas para propor projetos de planejamento social e urbanístico, como era o caso do déficit habitacional de diversas cidades francesas daqueles anos. De um lado, o religioso liderava as pesquisas em

curso. Do outro, ele publicava suas primeiras impressões sobre o movimento ao lançar os livros *Principes pour l'action* e *Guide du Militant*, ambos publicados em 1946, ano em que a equipe francesa edificou editora e livraria *Économie et Humanisme*.

Passado um ano, Padre Lebrete realizou sua primeira viagem para a América do Sul (PELLETIER, 1996, p. 289-328). Iniciou pelo Brasil e depois percorreu Argentina, Uruguai e Chile. E foi nessa circunstância que ele se aproximou da realidade de países subdesenvolvidos. O plano de atravessar o oceano atlântico e visitar o Brasil foi elaborado em parceria com Frei Romeu Dale (1911-2007), padre brasileiro que trocou cartas com Lebrete entre 1941 e 1952 (Fundo Lebrete 45 AS, cota 19860461/101, *Archives Nationales*). Ainda que este artigo não aborde os assuntos discutidos nessas correspondências, cabe frisar que Frei Romeu foi o primeiro propagador de Economia e Humanismo entre os religiosos brasileiros que moravam em conventos franceses. Após o primeiro ano de cartas trocadas com Padre Lebrete, o frade e outros padres brasileiros, a exemplo de Frei Benevenuto, foram repatriados para a terra natal em decorrência da Segunda Guerra Mundial.

Antes de Frei Romeu voltar para o Brasil, Padre Lebrete fez três solicitações para o religioso. Pediu para ele estruturar uma equipe de EH sul-americana, divulgar as revistas do movimento em seu país e empenhar-se nas ações desencadeadas por EH em nível mundial. Mas o dominicano brasileiro não conseguiu fundar as bases do movimento até 1947, ano em que Lebrete viajou para o Brasil com a meta de lecionar um curso Introdutório de Economia Humana na então Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP, atualmente FESPSP) e proferir uma conferência no Rio de Janeiro.

Há duas motivações principais na iniciativa do fundador em proliferar as ações do movimento para outras nações. Uma delas era difundir a Economia e Humanismo em países subdesenvolvidos, e a outra era para ele se ausentar dos impasses financeiros e ideológicos (ANGELO, 2013, p. 91) que estavam vigentes na equipe francesa. Enquanto Lebrete e uma parte da equipe se vinculavam às formulações sociais elaboradas pela teoria socialista, a outra ala se vinculava ao catolicismo social *leplaysiano*. A solução encontrada pelo grupo francês para resolver o impasse foi a elaboração de uma orientação que questionava as duas ideologias hegemônicas da Guerra Fria, propondo uma via primeiramente nomeada como *mystique chrétienne*, e posteriormente redefinida como *ni libéralisme, ni socialisme*. Este era o horizonte ideológico de Lebrete durante sua passagem pelo Brasil entre abril e julho de 1947, quando o público católico formado por industriais,

universitários, empresários e sacerdotes demonstraram interesse em conhecer os pressupostos de Economia e Humanismo

Como as intervenções do dominicano francês também abordaram aspectos da teoria marxista, alguns bispos da hierarquia eclesiástica brasileira denunciaram Padre Lebrete ao Vaticano. Por esse motivo, o religioso ficou impedido de viajar para o país até 1952, ano em que ele retornou para estas terras com uma agenda intensa. Mas foi em 1947 que ele estabeleceu uma profícua rede de sociabilidade com intelectuais, religiosos, universitários e personalidades da elite política, econômica e industrial das capitais paulista e carioca.

Apoiados pelo Padre Lebrete, uma parte desse público fundou e participou de uma instituição promotora de pesquisas e projetos voltados para o planejamento urbano e social. Nomeada de Sociedade para Análise Gráfica e Mecanográfica Aplicada aos Complexos Sociais (SAGMACS), esta organização foi fundada em 1947 e funcionou até meados dos anos 1960. E foi no ano de criação da SAGMACS que Padre Lebrete conheceu Frei Benevenuto.

Nascido, em 1918, num engenho localizado em São Luís do Quitunde, interior do estado de Alagoas, José Petronilo de Santa Cruz (1918-1997) passou a adolescência na capital pernambucana e ingressou na Ordem dos Dominicanos, em 1937. Primeiro passou treze meses em Toulouse para o ato de vestição⁶, adotando o nome religioso de Frei Benevenuto de Santa Cruz. Ato contínuo, ele iniciou o noviciado e cursou Filosofia e Teologia no Convento de Saint-Maximin, situado no sudeste da França, onde ficou até agosto de 1942, data em que ele e outros frades foram repatriados pelo governo Vargas (MEMÓRIA DOMINICANA, 1980-2013, p. 78). O retorno à terra natal o levou a concluir a formação religiosa em 1945, quando rezou sua primeira missa no Convento Santo Alberto Magno (também conhecido como Convento das Perdizes), em São Paulo, onde passou a morar. Na capital paulista conheceu Padre Lebrete e outros sacerdotes e intelectuais católicos progressistas. E no decorrer dos anos 1950 tornou-se o principal representante de Economia e Humanismo em seu país.

⁶ Também chamado de tomada de hábito, o ato ocorre assim que o noviço finaliza o noviciado. Esta etapa é fundamental para incutir os elementos fundantes que orientam a vida religiosa de um frade pregador. Para mais informações sobre as etapas de formação de um padre dominicano, ver: ETAPAS DE FORMAÇÃO. *Ordem dos Pregadores*, Província Frei Bartolomeu de Las Casas. Disponível em: <https://www.dominicanos.org.br/etapas-formacao>. Acesso em: 25 nov. 2022.

Duas razões principais levaram Frei Benevenuto a liderar o movimento no Brasil. A primeira delas foi a transferência (PIC, 2014, p. 274) de Frei Romeu Dale para o Convento São Tomás de Aquino (Rio de Janeiro), em 1948, e a segunda foi a estreita amizade entre Frei Benevenuto e Carlos Pinto Alves (QUINTA, 2021, p. 78-82). Este industrial católico se aproximou de Lebrete, foi um dos articuladores do grupo brasileiro de EH, fundado em São Paulo em 1947, da mesma forma que foi responsável por traduzir uma obra do dominicano francês para a língua portuguesa – a primeira edição de *Princípios para a Ação* foi publicada pela Edições SAL em 1952 (QUINTA, 2021, p. 154) e as outras edições saíram pela Livraria Duas Cidades (QUINTA, 2021, p. 296) entre 1959 e 1984.

Frei Benevenuto admirava Padre Lebrete e era um entusiasta de seu movimento. Mais que isso, o religioso dominava a língua francesa e era um dos poucos padres progressistas que moravam em São Paulo em finais da década de 1940, metrópole que foi imprescindível para a consolidação de Economia e Humanismo no Brasil e em outras nações subdesenvolvidas. A ala retrógrada da Igreja brasileira resistia ao trabalho e às ideias de Padre Lebrete, ao mesmo tempo que era contrária à participação de Frei Benevenuto no movimento. Nem mesmo isso o dissuadiu da tarefa de enraizar EH em seu país, de apaziguar as contrariedades de seus superiores, de difundir as distintas obras do movimento e de se aproximar da elite, da intelectualidade e da juventude católica paulistana.

Antes de regressar a Paris, Lebrete convidou Frei Benevenuto para realizar um ano de estágio com a equipe francesa de Economia e Humanismo (QUINTA, 2021, p. 96-108). Entre 1948 e 1949, o jovem frade vivenciou uma experiência que foi um ponto de inflexão em sua trajetória pessoal e profissional, sobretudo pelo trabalho de livreiro-editor que ele desempenhou desde a década de 1950 até o seu falecimento em 1997 (QUINTA, 2021), também foi uma oportunidade para ele estreitar sua relação com o Padre Lebrete, com os membros franceses do movimento e com intelectuais, religiosos e pessoas ligadas à Ação Católica não apenas da França, mas também da Bélgica, da Suíça e de Luxemburgo. Findo o período de formação na equipe francesa de EH, Frei Benevenuto regressou com o objetivo de fortalecer o movimento em sua terra natal até os superiores da Igreja Católica autorizarem a segunda viagem de Padre Lebrete ao Brasil.

Frei Benevenuto participava ativamente das atividades da SAGMACS, coordenava o grupo paulista de EH e fomentava a criação de outras equipes representativas do movimento no país. Parte considerável dos membros da SAGMACS também faziam parte das equipes de EH, as quais reuniam geógrafos, urbanistas, arquitetos, engenheiros,

políticos, assistentes sociais e estudantes ligados à JUC (QUINTA, 2021, p. 108-118). Enquanto instituições privadas e públicas contratavam os projetos da SAGMACS até início da década de 1960, as equipes brasileiras de EH, em especial a localizada na capital paulista (QUINTA, 2021, p. 121-127), promoviam encontros, palestras e debates em torno dos princípios e das atividades do movimento em território nacional⁷.

Foi por intermédio dessas iniciativas e da mediação de Frei Benevenuto que Padre Lebrete estabeleceu contatos (ANGELO, 2013, p. 157-160) com os dominicanos progressistas do país e com prestigiosos leigos católicos brasileiros, tais como Lucas Nogueira Garcez (governador de São Paulo de 1951 a 1955), Alceu Amoroso Lima, Dom Helder Câmara e Josué de Castro⁸. Seu relacionamento com estas figuras e os projetos que elas demandavam do religioso francês viabilizou a permissão dos superiores católicos brasileiros para ele viajar ao Brasil em 31 de maio de 1952, sob a condição de evitar abordar

⁷ Há pesquisadores que investigaram as ligações da SAGMACS com o planejamento urbano brasileiro (CESTARO, 2016) e outros que analisaram as iniciativas do movimento em âmbito latino-americano (PONTUAL, 2016). Também existem pesquisas sobre as ações do padre Lebrete no Nordeste brasileiro (ANDRADE; ARAÚJO, 2016) e suas propostas desenvolvimentistas para o país, apresentadas entre 1947 e 1966 (BREUIL, 2006).

⁸ O pernambucano Josué Apolônio de Castro (1908-1973) nasceu no Recife, filho de uma família sertaneja de classe média. Realizou parte dos estudos primários com sua mãe, que era professora. Prosseguiu os estudos no Instituto Carneiro Leão, e posteriormente no Ginásio Pernambucano. No início da juventude cursou a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e voltou a Recife assim que terminou o curso, tornando-se professor da Faculdade de Medicina e defendendo, em 1932, a tese de livre-docência intitulada “O problema fisiológico na alimentação”. Ele trabalhou em diversas pesquisas de campo e envolveu-se em atividades culturais que ocorriam na capital pernambucana durante os anos 1930, período em que participou ativamente da política e preocupou-se com os problemas vivenciados pelo operariado, o que levou a publicar um importante estudo e a adquirir prestígio nacional com essas e outras iniciativas. Foi nos anos 1940 que ele desenvolveu uma ação política mais contundente, desenvolvendo projetos relacionados ao problema da fome e lecionando no Rio de Janeiro. Muitas de suas investigações estavam vinculadas às questões geográficas da fome, publicando, em 1939, pela Livraria Globo de Porto Alegre, *Geografia Humana*, obra fortemente influenciada pelo pensamento francês. Em 1951, Josué assumiu diversos cargos na administração pública, publicou inúmeras obras e prosseguiu suas pesquisas, e posteriormente assumiu a presidência do conselho executivo da FAO (Food and Agricultural Organization), órgão vinculado à ONU. Além disso, Josué de Castro e Padre Lebrete desenvolveram algumas atividades em conjunto, como demonstram as correspondências que eles trocaram nos anos 1950 e 1960, disponíveis no Fundo Lebrete 45AS, arquivado nos *Archives Nationales*. Para mais informações sobre Josué de Castro, consultar Manuel Correia de Andrade (1997).

temas de cunho político-ideológico e com o propósito de coordenar uma pesquisa sobre as condições laborais dos trabalhadores urbanos e rurais paulistas. Mas também foi uma oportunidade para essas personalidades envolverem Lebrete em distintos meios políticos e religiosos. Amoroso Lima o apresentava aos grupos católicos progressistas e à direção de partidos como UDN (União Democrática Nacional) e PDC (Partido Democrata Cristão), enquanto Garcez o colocava em contato com os dirigentes do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e com os industriais do estado de São Paulo. Josué de Castro tinha relações estreitas com o governo federal naquela altura chefiado por Getúlio Vargas, além de possuir uma rede de contato com organizações internacionais por ter sido nomeado presidente da FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação), em 1951. Já Frei Romeu Dale era o coordenador religioso da JUC nessa época (SOUZA, 1984, p. 88), ao passo que Dom Helder Câmara e Padre Lebrete (GODOY, 2020, p. 17-41) foram parceiros em algumas iniciativas colocadas em práticas durante os anos 1950. E Frei Benevenuto estava na retaguarda de todas as iniciativas do religioso francês no Brasil e foi escolhido por este para representar o movimento EH em território nacional.

Do Nordeste brasileiro à África Ocidental: as viagens de Padre Lebrete e Frei Benevenuto (1952)

Após três meses de atividades majoritariamente realizadas na capital e no estado de São Paulo, o religioso francês e seu fiel escudeiro colocaram o pé na estrada. Não há evidências que indiquem quais foram os reais motivos que levaram Frei Benevenuto a acompanhar o Padre Lebrete na viagem para África. Além disso, somente foi possível reconstituir esse itinerário por intermédio das fontes disponíveis no arquivo pessoal de José Petronilo de Santa Cruz (QUINTA; SILVA, 2020) e no fundo Lebrete⁹. Supomos que o padre talvez quisesse apresentar ao frade um pouco da realidade e dos trabalhos que ele estava a desenvolver em países do continente africano, ou talvez tenha sido algo ainda mais casual, tendo em vista que a viagem de Lebrete para a África estava previamente marcada e Frei Benevenuto tinha o compromisso de ir à França com o padre no mesmo período, para participar de algumas reuniões na sede do movimento.

⁹ No fundo Lebrete 45AS, cota 19860461/51, abrigado no *Archives Nationales*, consta vários telegramas de Padre Lebrete para correspondentes africanos, nos quais ele informa que Frei Benevenuto o acompanharia na viagem.

A partir das *Notas tomadas por Frei Benevenuto de Santa Cruz durante a viagem*, abrigadas em seu acervo pessoal e escritas por ele desde Conakry, capital da República da Guiné¹⁰, no dia 13 de setembro de 1952, conseguimos acompanhar o itinerário dos religiosos, as personagens que eles estabeleceram contatos, as atividades realizadas e as impressões pessoais do frade. Logo nas primeiras linhas ele descreve que somente em Conakry conseguiu respirar, responder os amigos e colegas de trabalho, e redigir suas impressões “do ritmo maluco dessa expedição lebreteana”. Frei Benevenuto retomou o trajeto iniciado em São Paulo no dia 3 de setembro, quando partiram para o Rio de Janeiro via transporte aéreo. Na capital fluminense almoçaram com Josué de Castro, estiveram no Banco do Brasil, passaram pelo Ministério do Trabalho, depois conversaram por uma hora com Dom Helder Câmara acerca de uma investigação de sociologia religiosa no Brasil, ato contínuo jantaram com um diretor da companhia *Air France* e terminaram o dia proseando com Josué de Castro madrugada afora.

Cochilaram três horas, partiram para Salvador às 6 horas do dia 4 e visitaram a capital baiana pela tarde. Padre Lebrete, exausto, foi dormir, enquanto Frei Benevenuto conversava com um grupo da JUC sobre EH. Em 5 de setembro chegaram no Recife pela tarde, relaxaram um pouco e logo em seguida iniciaram uma visita pela cidade a partir das 16 horas. Depois se reuniram com aproximadamente quarenta pessoas envolvidas nas atividades de EH realizadas na capital pernambucana. Acompanhados de Antônio Bezerra Baltar¹¹, na manhã do dia 07 foram para Maceió via transporte aéreo e seguiram para o

¹⁰ Naquela altura pertencia a Guiné Francesa.

¹¹ Recifeense nascido em 16 de agosto de 1915, Antônio Bezerra Baltar (1915-2003) estudou no Colégio Nóbrega e ingressou na Faculdade de Engenharia da Universidade do Recife nos anos 1930, concluindo o curso em 1938. Entre 1939 e 1943, assumiu o posto de engenheiro nos seguintes órgãos: Instituto de Previdência Social dos servidores do estado de Pernambuco; Departamento Nacional de Estradas de Rodagem; Associação Brasileira de Cimento Portland, e também lecionou nos cursos de Engenharia da Universidade de Recife e de Arquitetura da Escola de Belas-Artes. Foi durante os anos 1950 que ele se dedicou à execução de diversas atividades ligadas ao movimento Economia e Humanismo do Recife e de outras localidades do Brasil, assim como foi próximo do Padre Lebrete e assumiu o cargo de diretor-técnico de algumas pesquisas realizadas pela SAGMACS. Baltar foi suplente de senador em fim dos anos 1950, assumindo o cargo de junho de 1960 a fevereiro de 1961, e logo em seguida reassumiu a carreira universitária na capital pernambucana até ser afastado pelo o golpe civil-militar de 1964. A convite de técnicos da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe), mudou-se para Santiago do Chile e trabalhou nessa comissão de 1965 a 1977, ano em que se aposentou e foi viver no Canadá até 1981. Regressou para o Brasil, reintegrou-se aos

Palácio do Arcebispo, onde almoçaram (ver figura 1) Padre Lebre, Frei Benevenuto, sua mãe (Dona Julieta), seu irmão (Humberto Santa Cruz), o governador do estado de Alagoas (1951-1956), Arnon Affonso de Farias Mello, sua esposa (Leda Collor de Mello, mãe de Fernando Collor de Mello), Baltar e outras pessoas.

Figura 1. Almoço no Palácio do Arcebispo (Maceió, 7 de setembro de 1952)¹²



Fonte: Arquivo pessoal de José Petronilo de Santa Cruz.

quadros da UFPE e lecionou até 1983, ano de sua aposentadoria como professor universitário. (ANTONIO BEZERRA BALTAR, 2020; PONTUAL, 2015-1)

¹² Do lado direito da fotografia estão, em ordem sequencial, Antonio Bezerra Baltar (primeira pessoa), o governador, Arnon Affonso de Farias Mello, e sua esposa, Leda Collor de Mello (terceira e quarta pessoas), e a outra mulher é Dona Julieta, a mãe de Frei Benevenuto. Do lado esquerdo da fotografia estão Frei Benevenuto (quarta pessoa de óculos), e em seguida estão Padre Lebre e Humberto de Santa Cruz, irmão de Benevenuto. Essas são as pessoas que conseguimos identificar neste retrato.

Na companhia do arcebispo e do governador, “[...] às 14 horas, o velho¹³ fez uma conferência no Instituto Estadual de Educação: sala cheia apesar do dia (7 de setembro) e da hora”, ocasião em que Frei Benevenuto fez uma breve apresentação do tema e traduziu a palestra voltada para operários, estudantes e demais interessados que faziam parte da plateia (ver figura 2). Baltar voltou para Recife, enquanto o frei e o padre continuaram em Maceió, sendo que o primeiro foi batizar seu sobrinho e o segundo saiu para conhecer a capital alagoana.

Frei Benevenuto continuou suas notas dizendo que o governador convidou os religiosos para um jantar, e por esse motivo o jovem frade deixou Padre Lebrete na casa de Arnon de Mello e foi visitar sua mãe. Após a refeição, o frade foi encontrá-los na Aliança Francesa de Maceió, onde se reuniram médicos, engenheiros e o coordenador de uma mesa-redonda que ocorreu até as 22hs.

¹³ Nos documentos pesquisados no *Archives Nationales* e no Arquivo pessoal de José Petronilo de Santa Cruz foi identificada esta forma de tratamento de Benevenuto para Lebrete. E o frade também se referia ao padre como “o velho” em suas notas da viagem. Em uma homenagem escrita por Frei Benevenuto e publicada na *Folha de S. Paulo* em 1968, o autor trata o padre como o “velho marinho”. Supomos que este é o sentido da expressão utilizada por Frei Benevenuto.

Figura 2. Conferência de Lebret no Instituto Estadual de Educação de Alagoas¹⁴



Fonte: Arquivo pessoal de José Petronilo de Santa Cruz.

No dia 8, às 10hs, Baltar foi à capital alagoana com o objetivo de levar os religiosos para uma viagem de sobrevoo por Paulo Afonso (município baiano) e com destino a “[...] Salgueiro, sertão seco e torrado de Pernambuco, a 20km do Ceará”. Em suas palavras,

a viagem permitiu ao velho ver [...] as 3 zonas características do nordeste: o litoral (zona da mata) com a cultura exclusiva da cana, a caatinga ou agreste de vegetação rasteira, e enfim o sertão, com os rios todos secos, a centenas de kms. Desertos e secos, cactos, areia, pedra, o resto da vegetação

¹⁴ Conseguimos identificar, da esquerda para direita: Frei Benevenuto é o segundo, o governador é o quinto e Padre Lebret está a palestrar no centro da fotografia.

torturada e os núcleos da população desde que à beira de um rio seco há um pouco de vegetação verde. Sobrevoamos vários dos grandes açudes e descemos em Salgueiro para almoçar.

Prosseguiu suas anotações afirmando terem visto quatro caminhões abarrotados de gente que partia para São Paulo, os popularmente conhecidos como pau-de-arara. Terminada a refeição, os três seguiram o percurso dirigindo rumo a vinte alqueires cultivados que margeavam um açude. Ao fim e ao cabo, chegaram no Recife às 18hs explorando o caminho inverso: sertão, agreste e mata. Em 9 de setembro concluíram a visita à capital pernambucana, antes, porém, conversaram com Baltar, das 10 às 11hs, “[...] sobre a pesquisa de São Paulo, a posição dele no Movimento, os trabalhos delorezianos¹⁵ nos Municípios, a urbanização dos Municípios e a criação de um centro regional de EH para o nordeste com sede no Recife”. E concluíram os dias em terras brasileiras dizendo que o arcebispo do Recife lhe deu carta branca para avançar com os trabalhos de EH em Pernambuco e que tinham recebido convites para se encontrarem com Dom Carlos

¹⁵ Antonio Delorenzo Neto (1918-2015) nasceu em Guaranésia, município mineiro localizado a 430km de Belo Horizonte. Durante o primário e o secundário estudou em escolas guaranesianas, e depois foi para São Paulo. cursou medicina na USP durante dois anos da juventude, mas abandonou a carreira médica para ingressar no curso de Direito da mesma universidade. Foi o prefeito eleito mais novo do Brasil, e aos 27 anos de idade assumiu a administração de sua cidade natal entre 1946 e 1950. Em 1949 ganhou uma bolsa de estudos da França para realizar uma especialização de Direito Internacional na Universidade de Paris, ano em que participou, entre os meses de março e junho, de uma sessão de estudos na sede central de EH, em La Tourette, na companhia de Frei Benevenuto e de outros brasileiros, franceses, alemães, suecos, argentinos, chilenos, canadenses e norte-americanos (fundo Lebrete 45AS, cota 19860461/36, *Archives Nationales*). Após o mandato e os estudos na França foi morar na capital paulista, onde trabalhou como professor e diretor da ELSP durante os anos 1950. Também fundou e dirigiu a Faculdade Municipal de Ciências Econômicas de Osasco, organizou a Faculdade Municipal de Ciências Econômicas e Contábeis de Laranjal Paulista, deu aulas em diversas Instituições de Ensino Superior e encerrou sua carreira acadêmica na Universidade Estadual Paulista, aposentando-se aos 70 anos de idade. Faleceu aos 97 e foi velado no Convento Santo Alberto Magno. Antonio Delorenzo Neto e sua esposa, Aida, foi um casal íntimo de Frei Benevenuto, que publicou, pela Livraria Duas Cidades, *Sociologia Aplicada à Educação* (1974), livro escrito por Antonio. Para mais informações biográficas sobre Antonio Delorenzo Neto, consultar Rodrigo Santos de Faria (2013) e Guaranesianos em destaque (2020).

Coelho, em Surubim, e com o escritor José Américo, em João Pessoa, mas declinaram desses encontros para não perderem o voo que fariam de Recife a Dakar, onde aterrissaram às 10h30 do dia 10 de setembro.

Figura 3. Frei Benevenuto à paisana no sertão pernambucano



Fonte: Arquivo pessoal de José Petronilo de Santa Cruz.

Apesar de o verso desta fotografia (ver figura 3) estar escrito que Frei Benevenuto assistia a um trabalhador do Nordeste na Paraíba do Norte, acreditamos que o retrato tenha sido tirado durante a incursão realizada por ele, Lebre e Baltar no sertão pernambucano. Os óculos utilizados pelo frei e a cidade de Paraíba do Norte são dois indícios que nos leva a duvidar da informação escrita atrás da imagem, pois a armação é idêntica às duas fotografias de Maceió (ver figuras 1 e 2), assim como a Paraíba do Norte transformou-se em João Pessoa em 4 de setembro de 1930, quando ele tinha doze anos de idade. Os cabelos e a feição do frei são outros sinais que contradizem a informação no verso da fotografia, já que aparentam estar semelhantes às fotografias tiradas na capital alagoana. Independentemente das certezas e dúvidas em torno desse retrato, a beleza está nos contrastes e compatibilidades que ele evoca, a diferença entre os trajes dos retratados e a convergência em suas feições graves e profundas. O religioso sem o hábito e o sertanejo amalgamado ao sertão seco e rasteiro, a proteger-se do sol a pino com o chapéu de vaqueiro e com os músculos e ossos a sobressaírem da camisa carcomida. O retrato salta aos olhos porque expressa um pouco das sensações e intuições de Frei Benevenuto ao conhecer algumas cidades e países que naquela época pertenciam à região denominada de África Ocidental Francesa.

Em Dakar, capital do Senegal, Frei Benevenuto e Padre Lebre prosseguiram suas andanças. Nas palavras do frade, a experiência poderia ser descrita da seguinte forma: “ganharás tua pesquisa como o suor do teu corpo”. Encharcados de dia e de noite, levaram os trabalhos adiante e ficaram hospedados na missão católica do Senegal, onde havia oito padres, sendo cinco franceses, dois africanos e um libanês. Depois do almoço foram visitar a “[...] cidade ‘sofisticada’ à la europeia, com 300.000 habitantes, dos quais 50.000 europeus e o resto pretos, das várias raças senegalesas, mouros e mestiços portugueses, vindos do Cabo Verde”. No dia seguinte, 11 de setembro, eles saíram às 08 horas dirigindo em direção às profundezas senegalesas. O motor do veículo estragou na metade do percurso, exatamente em frente a “[...] uma aldeia indígena de senegaleses da raça Sérège, mais agricultores que seus vizinhos do norte, os Onolf”. Prosseguiram a rota por trem, e ao lado de Frei Benevenuto “[...] estava uma preta, moça ainda e muito bonita (com traços egípcios, infiltração pelo Sudão anglo-egípcios) de uma elegância impressionante”. Almoçaram na Estação Experimental de Bambey (a cento e trinta quilômetros de Dakar), ficaram no local durante todo o período vespertino, conheceram as modernas formas de plantação de amendoim e chegaram na capital senegalesa por volta da meia noite. E no dia 12 visitaram

três institutos pela manhã, o de Geografia, o das Minas e o Francês da África Negra, o que o levou a afirmar que em Dakar há duas cidades bem definidas, a negra e a branca. Frei Benevenuto ainda arranhou tempo para visitar vários mercados da capital e participar de uma grandiosa oração muçulmana¹⁶.

Sábado, dia 13 de setembro, entraram no avião com destino à Conakry, local onde o religioso começou a registrar suas anotações. As três horas e meia de viagem, voadas em altitude absoluta baixa, permitiu-lhes apreciar a topografia e a vegetação do Senegal, atravessando a Gambia e a então Guiné portuguesa. O religioso escreveu em suas notas que no avião havia dois pretos que foram recebidos no aeroporto por centenas de muçulmanos que cantavam um lindo sú-sú. Depois passaram o dia conhecendo a cidade e as localidades vizinhas, registrando informações sobre a economia e a agricultura da Guiné francesa. Benevenuto ficou perplexo com assimetria entre Dakar e Conakry; esta não era, em sua opinião, uma cidade bem definida em termos de pele, os negros são imensamente superiores aos brancos, sendo “[...] 5.000 franceses, cerca de 1.000 libaneses e 45.000 negros”. Ele continuou a prosa mencionando que esqueceu de mencionar um fantástico batuque presenciado em Dakar, sons que lembravam Rio, Salvador, Recife. E no instante em que estava a escrever ocorria “[...] uma dança de uma beleza espantosa, estão cantando uma toada da Guiné que nunca mais vou esquecer. Decididamente, minha falta de ouvido não permitirá que guarde nada. Antonio Candido¹⁷ é que deveria estar aqui para cantar depois isto em São Paulo”. Em suas palavras,

[...] a passagem de Senegal para a Guiné representa para mim um grande passo na penetração do mundo africano. Repentinamente, senti-me à vontade nessa selva e nessa paisagem que o europeu reputa impenetrável. Confesso que aqui não apenas as coisas, mas também as pessoas despertem uma impressão profunda em mim: é preciso não esquecer que

¹⁶ Embora as *Notas tomadas por Frei Benevenuto de Santa Cruz durante a viagem* não mencionem como e onde ocorreu a oração, supõe-se que a reza tenha se realizado em uma mesquita na companhia de seguidores do islamismo.

¹⁷ Para mais informações sobre a amizade entre Frei Benevenuto e Antonio Candido, ver: (QUINTA, 2021, p. 387-417).

vivi os primeiros anos – que são sempre os mais saborosos – de minha vida na paisagem tropical do nordeste e quando abri pela primeira vez os olhos para a vida estavam a meu lado pretos e pretas em perfeita familiaridade. E aqui, agora, estou vivendo ao lado de antecedentes da Eusébia, da Quitéria, do Clemente, e não continuo porque a lista seria grande. Aquele que o europeu considera aqui exótico é para mim o antecedente de seres em cujo colo dormi muitas vezes e sobre cuja condição trágica eu comecei a pensar com um amor que marcou de piedade minhas primeiras descobertas humanas. É por tudo isso que aqui – a Guiné é o começo da chamada Costa dos Escravos – mais do que sou capaz de escrever, estou sentindo emoções de literalmente me atravessar a garganta. Espontaneamente, hoje cedo, sem conseguir bem formular minhas intenções senti que em minha missa estava presente toda população preta que marcou minha infância, representada por aquele coroinha, um negrinho igual àqueles com que eu brincava nos cercados do engenho. Tudo me envolve aqui: a mesma vegetação, o mesmo modo primitivo de cultivar a terra, os mesmos ‘roçados’ do nordeste, o mesmo capim, as mesmas ervas, as mesmas frutas: caju, mangaba, sapoti, groselha, romã, manga, etc.

Acompanhados de um padre preto, passaram o domingo visitando o interior da Guiné, conheceram abundantes plantações de arroz e ficaram várias horas em uma aldeia de negros. No dia 14, segunda-feira, entraram no avião rumo a Abidjan, na Costa do Marfim, onde ficaram até o dia 16, quando foram para Bamako, então capital do Sudão francês (hoje capital do Mali), numa viagem “semeada de desertos”. No dia 18, os religiosos e um agrônomo foram a uma fazenda experimental e passaram horas conhecendo o serviço agrícola do Sudão. No fim de tarde preparam-se para tomar o avião em direção a Casablanca, passando por “[...] uma região africana inteiramente diferente do que já vimos até aqui. Vamos atravessar uma parte do Sahara, entrar no Marrocos, sobrevoar a cordilheira do grande Atlas e entrar no planalto marroquino”. Por causa de problemas na

aeronave, ficaram algumas uma horas em Rabat, capital do Marrocos, quando escreveu em suas notas o quanto ficou surpreso com as particularidades da cidade: “meus senhores e minhas senhoras (as mulheres aqui passam em segundo lugar pois estou em terra muçulmana!) eu vos anuncio uma total e radical mudança de paisagem geográfica e humana”.

Entraram na aeronave que os levou a Casablanca, onde chegaram às 3hs da manhã do dia 19 de setembro, dormiram cinco horas e foram visitar a cidade, os portos comercial e de pesca, depois o Instituto de Pesquisas de Pesca do Marrocos, coordenado por um amigo do Padre Lebrete. “Casa é uma cidade tipicamente europeia, em rápido desenvolvimento e uma visita mesmo rápida lembra muito o crescimento de São Paulo. 500.000 habitantes, dos quais 200.000 europeus (franceses, portugueses, espanhóis, italianos), 100.000 judeus e o resto árabes e berberes”. Os religiosos alugaram um carro e dirigiram cem quilômetros até Rabat, deram uma volta pela cidade e foram para o Centro de Pesquisas Agrônomicas, onde ficaram por duas horas e em seguida foram jantar com o arcebispo que os hospedaram. “Rabat é talvez a mais bela cidade que vi até hoje, urbanizada como as melhores que vi até hoje, urbanizada como as melhores cidades suíças, uma arquitetura de um gosto extraordinário; aqui tudo é harmonioso” - a cidade apresentava um clima mediterrâneo e a população naquela época girava em torno de 250.000 habitantes. Frei Benevenuto sentenciou que jamais esqueceria as paisagens vistas naquele dia, “[...] o Palácio do Sultão, as ruínas da antiga cidade romana, sobretudo a torre, ainda de pé, da maior mesquita de Marrocos destruída pelos portugueses no século XII e a cidade árabe, a Medina, com grandes vestígios do século X”. Continuou suas notas dizendo que eles acordariam cedo para visitar duas fazendas experimentais de trigo, depois passariam por uma zona desértica do Saara, visitando Meknes e Fez, e chegariam em Casablanca na noite do sábado, dia 20, quando escreveu estar demasiadamente cansado para traduzir em palavras tudo o que ele estava a sentir no fim da viagem.

Passados dez dias perambulando por algumas cidades africanas, Frei Benevenuto e Padre Lebrete chegaram em Lyon, França, no dia 21 de setembro, onde ainda podiam desfrutar os resquícios do outono, e horas depois pegaram um voo para La Tourette, que estava gelada como se já estivessem no inverno. O frade concluiu suas notas contente com o fato de passar semanas sem grandes mudanças de pessoas, ambientes, clima e comida. Em suas palavras, “[...] estou cansado de vida ambulante... e sinto uma grande vontade de dormir sem parar, sem saber quando isso vai ser possível... Para falar francamente sinto a

cabeça cansada e nem ousou pensar no trabalho que me espera em São Paulo”. Mas antes de chegar ao Convento Santo Alberto Magno, Frei Benevenuto tinha que cumprir sua missão em La Tourette e apresentar aos membros da sede de EH os trabalhos que vinham sendo realizados, as perspectivas para os anos seguintes e seu diagnóstico para o movimento no Brasil.

Considerações finais

O longo e intenso percurso de Padre Lebrete e Frei Benevenuto no Nordeste brasileiro e na África Ocidental propiciou ao frade uma aprendizagem na prática, tanto no âmbito da articulação política quanto pelo conhecimento dos projetos de EH que eles visitaram em solo africano. O religioso chegou na França ciente do árduo trabalho que teria de realizar no seu retorno a São Paulo, como também sabia da necessidade de convencer a equipe central a apoiá-lo nas tarefas que seriam desempenhadas nos próximos dois anos, em particular sobre o treinamento de técnicos para trabalharem na pesquisa sobre os problemas sociais e territoriais do estado de São Paulo e o I Congresso Internacional de Economia Humana que ocorreria na capital paulista em 1954. Pela leitura dos documentos (abrigados no Fundo Lebrete) relacionados às reuniões do conselho de direção e da assembleia geral de Economia e Humanismo, ambas ocorridas em 04 de outubro de 1952, não é possível avaliar até que ponto Frei Benevenuto estava convicto em dedicar-se exclusivamente ao planejamento urbano e territorial. Nas atas dessas reuniões ele expressa a necessidade de prosseguir com a difusão das obras do movimento e com a formação de um centro brasileiro de EH que o permitisse ampliar o trabalho para outras regiões do país.

Mas é possível afirmar que os trabalhos e as viagens de Frei Benevenuto e Padre Lebrete rendiam dividendos para a equipe central de EH. E também difundiam as ideias do movimento, seja pelos projetos contratados, seja pelos contatos estabelecidos, seja pela promoção das publicações de EH por intermédio dos trabalhos do frade no Centro de Difusão de Revistas Dominicanas e na Edições SAL (QUINTA, 2021, p. 134-159). Frei Benevenuto, que em 1952 era diretor de EH no Brasil, regressou às suas atividades acompanhado de um técnico da equipe francesa que foi para São Paulo com o intuito de apoiar a equipe brasileira nos instrumentos que seriam utilizadas no projeto contratado pela Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguai (CIBPU), órgão criado em 1951 pelos governadores dos estados de São Paulo, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina e, posteriormente, Rio Grande do Sul.

Foi pelas relações de Lebrete e Benevenuto com Lucas Nogueira Garcez que a CIBPU contratou uma pesquisa da SAGMACS para o estado de São Paulo, a qual foi hesitosa e resultou na publicação de *Problemas de Desenvolvimento, Necessidades e Possibilidades para o Estado de São Paulo (1952-1954)*. Com o sucesso da pesquisa realizada para a CIBPU, a Comissão de Desenvolvimento do Pernambuco (CODEPE) contratou os trabalhos da SAGMACS, o que levou o Padre Lebrete a coordenar os *Estudos sobre o Desenvolvimento e Implantação de Indústrias, Interessando a Pernambuco e ao Nordeste*, publicado pela CODEPE em 1955¹⁸.

Nessa linha de considerações, as viagens dos religiosos pelo Brasil e pela África Ocidental estimulavam o intercâmbio transnacional das ideias e ações do movimento para diversas localidades e nações. A rede de sociabilidade que eles construíram viabilizou recursos, projetos, eventos e pesquisas para o movimento e para a SAGMACS nos anos posteriores, como foi caso do primeiro congresso internacional e dos trabalhos desenvolvidos para a CIBPU e CODEPE, legitimando o pensamento do Padre Lebrete e projetando a Economia e Humanismo no Brasil.

Referências

- ANDRADE, Manuel Correia de. Josué de Castro: o homem, o cientista e seu tempo. *Estudos Avançados*. 11 (29), p. 169-194, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141997000100009>. Acesso em: 02 fev. 2022.
- ANDRADE, Francisco Jatobá de; ARAÚJO, Tarcisio Patricio de (Org.). *Diálogos com Lebrete: 60 anos depois*. Recife: Cepe, 2016.
- ANGELO, Michelly Ramos de. *Louis-Joseph Lebrete e a SAGMACS: a formação de um grupo de ação para o planejamento urbano no Brasil*. São Paulo: Almedina, 2013.
- ANTONIO BEZERRA BALTAR. Verbete. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/antonio-bezerra-baltar>. Acesso em: 15 ago. 2020.

¹⁸ Lebrete esteve na capital pernambucana no mês de setembro de 1953, quando proferiu a conferência *Problemas de Civilização*, na Faculdade de Direito da Universidade do Recife, exposição posteriormente publicada em 1954. A conferência e o estudo contratado e lançado pela Comissão de Desenvolvimento Econômico de Pernambuco (CODEPE) encontram-se disponíveis no Fundo Lebrete 45AS, cota 19860461/146, *Archives Nationales*. Para mais informações sobre a relação do Padre Lebrete com o desenvolvimento do Nordeste, consultar: (GODOY, 2016, p. 205-213).

- AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus Van der. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: tomo II/3-2: terceira época: 1930-1964*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BARRETO JR, Raimundo. O Movimento Ecumênico e o Surgimento da Responsabilidade Social no Protestantismo Brasileiro. *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*, Juiz de Fora, v. 13, n. 1-2, p. 273-323, 2010.
- BOSI, Alfredo. Economia e Humanismo. *Estudos Avançados*. V.16, n. 75, p. 249-266, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142012000200017>. Acesso em : 15 mar. 2022.
- BREUIL, Mathilde Le Tourneur. *Le père Lebrete et la construction d'une pensée chrétienne sur Le développement : dans le sillage de modèles politiques et intellectuels émergents au Brésil, 1947-1966*. Mestrado em Ciências Sociais, École des Hautes Études en Sciences Sociales, 2006.
- CESTARO, Lucas R. *A atuação de Lebrete e da SAGMACS no Brasil (1947-1964): ideias, plano e contribuições*. Doutorado em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2015.
- ETAPAS DE FORMAÇÃO. *Ordem dos Pregadores*, Província Frei Bartolomeu de Las Casas. Disponível em: <https://www.dominicanos.org.br/etapas-formacao>. Acesso em: 25 nov. 2022
- FARIA, Rodrigo Santos de. O município em face do planejamento regional: a atuação profissional de Antonio Delorenzo Neto na construção do pensamento municipalista interamericano nas décadas de 1950-1960. *Anais do XV Enanpur*. V. 15, n. 1, p. 1-18, 2013.
- GODOY, José Henrique Artigas de. A práxis de Lebrete: economia humana, desenvolvimento católico e a industrialização do Nordeste. *Religião e Sociedade*, 36 (2), p. 188-219, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0100-85872016v36n2cap09>. Acesso em: 02 fev. 2022.
- GODOY, José Henrique Artigas de. Dom Helder Câmara e Louis-Joseph Lebrete: Desenvolvimentismo e Práxis Progressista Católica nas Décadas de 1950 e 1960. *DADOS*. V. 63(1):e20170188, p. 1-41, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/001152582020198>. Acesso em: 18 jan. 2022.
- GUARANESIANOS EM DESTAQUE. Dr. Antonio Delorenzo Neto. *Coletivo Museu Casa da Memória de Guaranésia*. Disponível em:

<https://guaranesiameorias.wordpress.com/guaranesianos-de-sucesso/>. Acesso em 10 mai. 2020.

MEMÓRIA DOMINICANA, Brasil. *Implantação da Ordem dos Frades Pregadores no Brasil, 1878-1952*: pela Província de Toulouse (França). Juiz de Fora, Ordem dos Dominicanos, n. 20, 1980-2013.

PELLETIER, Denis. *Économie et Humanisme*: de l'utopie communautaire au combat pour letiers monde (1941-1966). Paris: Éditions du Cerf, 1996.

PIC, Claire. *Les dominicains de Toulouse au Brésil (1881-1952)*: de la mission a l'apostolat intellectuel. Directeur de thèse: Richard Marin. 2014. 338 f. Thèse (Doctorat en Histoire) – École doctorale TESC, Université Toulouse II – Le Mirail, Toulouse, 2014.

PONTUAL, Virgínia. Práticas urbanísticas, deslocamentos e cruzamentos: Louis-Joseph Lebre e Antônio Bezerra Baltar no Brasil. *Cuadernos del CLAEH*. Segunda serie, año 34, n. 101, p. 195-214, 2015-1. Disponível em: <https://publicaciones.clach.edu.uy/index.php/cclach/article/view/122/121>. Acesso em: 06 abr. 2022.

PONTUAL, Virgínia. *Louis-Joseph Lebre na América Latina*: um exitoso laboratório de experiências em planejamento humanista. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

QUINTA, Hugo; SILVA, Wilton Carlos Lima da. O arquivo pessoal de José Petronilo de Santa Cruz: o livreiro-editor da Livraria Duas Cidades. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 76, p.241-264, ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v1i76p241-264>.

QUINTA, Hugo de Carvalho. *A trajetória de Santa Cruz e da Livraria Duas Cidades*: o livreiro-editor de religiosos, universitários e intelectuais na cidade de São Paulo (1954-2006). Orientador: Wilton Carlos Lima da Silva. 2021. 693 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/214351>. Acesso em: 25 nov. 2022.

SILVA, Wellington Teodoro da. Catolicismo militante na primeira metade do século XX brasileiro, *História Revista*. V. 13, n. 2, p. 541-563, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/6651/0>. Acesso em: 08 jun. 2022.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. *A JUC*: os estudantes católicos e a política. Petrópolis: Vozes, 1984.

Arquivos consultados

Archives Nationales – Pierrefitte-sur-Seine, Paris, França – Fundo R. P. Lebrecht (45 AS)

Arquivo pessoal de José Petronilo de Santa Cruz – São Paulo, Brasil.